

As Três Fronteiras Do Jornalismo: Ágora Online, Ativismo Jornalístico E Jornalismo Online¹

Juliana Elisa Matte BORGMANN²

Ana Paula da ROSA³

Universidade do Vale do Rio do Sinos, São Leopoldo, RS

Resumo

O presente artigo busca comparar três modalidades de informação online: a ágora online, o ativismo jornalístico, conhecido principalmente através do Mídia Ninja, e o jornalismo online tradicional. Buscamos conceituar esses pontos e posteriormente, realizar uma análise comparativa dos três modelos aplicando-os a um caso empírico, sobre uma manifestação a favor do feminismo ocorrida na UFPel. Acredita-se que há uma relação entre eles em determinados casos e também uma ruptura no processo comunicacional emissor-receptor. Para isso mobilizamos os conceitos de midiaticização em Fausto Neto (2008), rede social em Recuero (2009) e jornalismo e ativismo em Bittencourt (2014) e Prudêncio (2008).

Palavras-chave

Ágora online; mídia ativismo; jornalismo.

Apresentação

O crescimento da comunicação é um fato. Porém, a mudança não é algo recente, ela vem se dando com o passar do tempo e acompanha a evolução do próprio ser humano. Em termos de processos comunicacionais podemos verificar uma ruptura significativa da linearidade dos modelos da comunicação para os modelos mais circulares, com base na participação.

¹ Trabalho apresentado no IJ DT 1 – Jornalismo XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Estudante de Graduação do curso de Jornalismo da Unisinos. E-mail: julianamatte@gmail.com.

³ Jornalista, doutora em Ciências da Comunicação. Atualmente é professora da disciplina Teorias da comunicação I e pesquisadora do PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos. E-mail: anaros@unisinos.br.

Deste modo, partindo do pressuposto de que “o processo de midiaticização resulta da evolução de processos midiáticos que se instauram nas sociedades industriais” (FAUSTO NETO, 2008, p.2), podemos dizer que a evolução das tecnologias trouxe uma mudança para o processo comunicacional tradicional emissor-receptor, um terceiro integrante: o cidadão. Este produz e externa suas opiniões e visões através da mídia, transformando-se em produtor.

Ao se converter numa espécie de «sujeito» dos processos e das dinâmicas de interação social, a cultura midiática torna-se um complexo dispositivo em cujo âmbito se organiza um tipo de atividade analítica, cujas gramáticas, regras e estratégias geram ainda, por operações auto-referenciais engendradas no dispositivo, as inteligibilidades sobre as quais a sociedade estruturaria suas novas possibilidades de interpretação. (FAUSTO NETO, 2008. p. 6).

Atualmente o livre acesso do público às redes sociais o transforma em produtor de conteúdo. Por exemplo, relatando um processo empírico ou simplesmente criticando a atitude de algum político. Podemos denominar este fenômeno empírico de *ágora* moderna.

Neste artigo partimos da hipótese de que o jornalismo online está diante de três fronteiras: a *ágora* moderna, configurada pela opinião do cidadão nas redes sociais; o jornalismo ativista, como o da *Mídia Ninja* e o jornalismo online tradicional. Diante deste cenário, é possível estabelecer uma relação entre as três fronteiras? Como o jornalismo se vê tensionado?

1 A *ágora* online

Durante o século V a.C., na Grécia, existiam as chamadas *ágoras* “local no cume de um monte onde se reuniam os cidadãos [...], permitia o debate de ideias [...]” (HOHLFELDT, Antônio. p. 66). A *Ágora* foi o ápice do desenvolvimento da democracia grega e foi crucial para o início da comunicação. Podemos estabelecer uma relação entre a *Ágora* e uma das bases da comunicação atual, a internet e as chamadas redes sociais.

Esta “praça” pública se caracterizava como um espaço construído, permanente e fixo, que, tinha também um sentido político – era o lugar onde se deliberavam assuntos importantes para a vida dos cidadãos e da sociedade como um todo. Neste sentido, encontraremos uma contraposição entre os povos que tinham a *ágora* e os que não a tinham. Estes últimos eram considerados bárbaros, pois, na maioria das vezes, tinham como forma de governo a monarquia e, como tal, não deliberavam, pois, entendiam

não ser necessária a discussão uma vez que apenas uma pessoa decidia por todas as outras. A palavra *ágora* se originou do verbo *agorien*, que no século VIII a.C significava *discutir, deliberar, tomar decisões*; mas com o passar dos séculos seu sentido foi mudando e já no século IV a.C *agorien* significava *comprar*. Dessa forma, o comércio pode ser definido na sua forma mais simples como uma circulação, uma transferência de bens. Entretanto, para que essa movimentação possa ocorrer, se faz necessário que haja pelo menos dois indivíduos envolvidos. Assim, cada pessoa leva seus produtos e havendo o interesse e a possibilidade eles trocam as suas mercadorias (essas trocas podiam envolver ou não dinheiro). (ONLINE.)

Como explica Recuero (RECUERO, 2009. p. 24), “uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais). O que permite a expressão de fatos ou acontecimentos empíricos nas redes sociais é a “apropriação” do ‘eu’ no ciberespaço um espaço privado e, ao mesmo tempo, público. Essa individualização dessa expressão, de alguém “que fala” através desse espaço é que permite que as redes sociais sejam expressas na Internet.”.

Levy (1999) explica ainda sobre o ciberespaço: “Não seria permitido, então, entrever hoje uma nova metamorfose, uma nova complicação da própria noção de “público”, já que as comunidades virtuais do ciberespaço oferecem, para debate coletivo, um campo de prática mais aberto, mais participativo, mais distribuído que aquele das mídias clássicas?”, ou seja, desde os primeiros estudos sobre o universo digital, em 1999, já se falava do ambiente do ciberespaço e das trocas sociais ali permitidas como uma possível *ágora*. Certamente, isso se potencializa com as redes digitais como Facebook, Instagram e com os aplicativos móveis.

Já a publicação de cunho empírico pode ser diferenciada do jornalismo ativista, mais conhecido como *mídia ninja*.

2 O ativismo jornalístico

O ativismo jornalístico ou *mídia ninja* “é uma iniciativa de cobertura colaborativa da rede de coletivos culturais” (Fora do Eixo. <http://foradoeixo.org.br>). Em junho de 2013, ocorreram diversas manifestações no Brasil contra o aumento da tarifa de transporte público, e a partir disso, surgiram os primeiros “*mídias ninja*” no Brasil.

Os coletivos, potencializados no Brasil a partir de junho de 2013, são enquadrados aqui como midiáticos, compostos de indivíduos que, através do uso de sites de redes sociais, plataformas e dispositivos de comunicação digital, produzem e fazem circular conteúdos sobre protestos e atos decorrentes de mobilizações organizadas dentro e fora das redes digitais, e que atuam de forma independente da mídia de massa, podendo ou não participar da organização de atos e protestos de rua. O que aproxima esses dois tipos de coletivo é o ativismo em suas ações de fins midiáticos. O que os distancia é que, desde 2005, o desenvolvimento de ferramentas de comunicação digital cresceu exponencialmente, e a apropriação de sites de rede social e dispositivos móveis de comunicação, principalmente, tem contribuído para transformações em processos de produção, circulação e consumo de conteúdos midiáticos no contexto dos movimentos e mobilizações sociais em rede. (BITTENCOURT. 2014. p. 85).

O jornalismo ativista surge mundialmente junto com os “movimentos por justiça global” (PRUDENCIO, 2008, p. 69) e que foi se desenvolvendo ao longo dos anos, mas que sua estrutura permanece ainda como “coletivos que desenvolvem uma mídia com características muito particulares: além da oposição aos meios de comunicação “corporativos”, produzem informação e a disponibilizam principalmente pela internet.” (PRUDENCIO, 2008, p. 69). Uma das características do jornalismo ativista que deve-se ressaltar é o ‘imediatismo’, ou seja, o conteúdo é atualizado constantemente.

Em novembro de 1999, quando surgiram os primeiros ‘portais de ativismo cidadão’, durante uma manifestação, em Seattle, contra a Organização Mundial do Comércio, a OMC. O Independent Media Center (IMC), em português Centro Independente de Mídia propôs a cobrir essas manifestações.

“[...] uma cobertura minuto a minuto dos acontecimentos ligados à manifestação, usando um democrático sistema de edição aberta (open-publishing) e atuando como uma câmara de compensação de informações para jornalistas, recolhendo e disponibilizando, ao mesmo tempo, reportagens, áudios, fotos e vídeos em um regime de (copy left) através de seu website. Cobrir o acontecimento para o IMC significa participar ativamente de sua elaboração e não apenas noticiar as ações que se desenrolam quando de sua manifestação.”(ANTOUN, 2001, p. 137).

Essa é a ideia predominante dos processos de ativismo cidadão que continua em vigor hoje, ou seja, a cobertura independente, em tempo real, sem grandes aparatos tecnológicos, utilizando um celular, por exemplo, mas a partir do saber-fazer da mídia, o aprendido com o jornalismo. Então, o repórter ativista entra ao vivo, entrevista moradores ou posta fotos

em páginas com depoimentos, isto é, promove uma cobertura midiática, na lógica das instituições midiáticas, mas inserida em espaços de ativismo ou de jornalismo cidadão.

3 O jornalismo online

Desde o aparecimento da imprensa jornalística no século XIX, o jornalismo sofre um processo de evolução constante. A partir da criação da internet e seus primeiros portais de notícias, iniciou-se o processo de digitalização dentro do jornalismo, que mudou a forma de escrita para a web, disponibilizou novos formatos de informação como áudio, vídeo, imagens e permitiu a interatividade, em tempo real, entre produtor e receptor.

Outra forma é o chamado hipertexto, explicado por Nogueira (2013. p. 7) como “as narrativas digitais superam as limitações da oralidade e da escrita. Graças ao hipertexto é possível dar novas significações interligadas por conexões de palavras, páginas, fotografias, imagens, gráficos, sequência sonora, etc.”. Outro fator muito importante citado por Nogueira é a instantaneidade no jornalismo online.

No jornalismo feito para a web, a velocidade é a marca da veiculação de notícias. Mesmo que seja sobre um mesmo assunto, a cada novo fato relevante, uma matéria nova é gerada. Esse conteúdo é publicado na seção de “últimas notícias” e cada matéria vem acompanhada de seu horário de publicação. A instantaneidade possibilita ao leitor saber dos fatos mais importantes e relevantes, quase que em tempo real. (NOGUEIRA, 2013. p. 9)

O jornalismo após este processo de ‘digitalização’ mudou seus formatos de escrita: passou a escrever notícias mais curtas e deu ao leitor a possibilidade de consumir a notícia de uma forma mais dinâmica, inseriu imagens, vídeos, áudios, hipertexto, criando novas vinculações com outros sites, aprofundamentos para o leitor. Ou seja, o percurso de leitura da notícia é decidido pelo leitor e não mais pelo produtor-jornalista. Essas características deixaram os portais de notícias mais parecidos com redes sociais, por conta de sua interface dinâmica e personalizada.

Outra coisa que mudou, foi o formato de construção da notícia. Antes da web, usava-se uma ‘fórmula’ para facilitar a escrita, a chamada pirâmide invertida⁴, que, teoricamente, classificava as informações mais relevantes das menos importantes. Após a digitalização, a pirâmide que até então era invertida, passou a ser deitada e é dividida em níveis. O primeiro

⁴ Canavilhas realizou um estudo sobre a evolução da pirâmide invertida à pirâmide deitada (ONLINE: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>).

é o básico, respondendo as perguntas ‘o que?’, ‘quando?’, ‘quem?’ e ‘onde?’. O segundo nível é o explicativo, que responde as perguntas ‘por quê?’ e ‘como?’. No terceiro, acontece a contextualização, que utiliza ferramentas que a internet oferece, ou seja, fotos, vídeos e áudios. O último nível, chamado de exploração, é o que liga a notícia aos links externos.

4 Análise

Nesta etapa do trabalho, analisamos publicações que se enquadram nas três fronteiras citadas acima para realizar uma análise. Temos como objetivo indagar se é possível estabelecer uma relação entre as três fronteiras? Como o jornalismo se vê tensionado?

Em ambas as imagens o assunto em questão é o feminismo, retratado em uma manifestação na Universidade Federal de Pelotas. As seguintes publicações foram retiradas do Facebook e do portal de notícias G1.



Imagem 1.

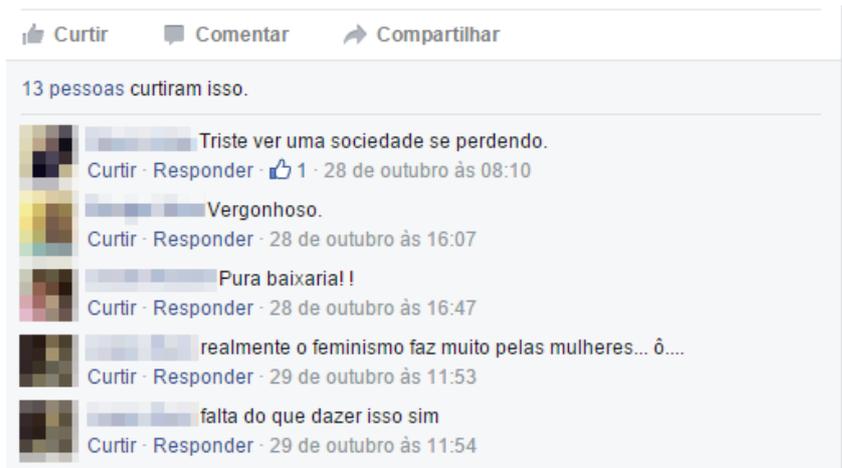


Imagem 2.

As imagens 1 e 2 foram retiradas de um perfil pessoal do Facebook. O indivíduo da imagem 1 externa sua opinião sobre um protesto contra a violência à mulher, em frente ao prédio de Ciências humanas, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Isso, poderia representar um espaço individual, potencializado pela tecnologia, no caso o Facebook, mas ao mesmo tempo coletivo, de exposição de sua opinião, o que se aproximaria da ideia de exposição pública das ideias. No entanto, manifestar-se em uma rede social configura apresentar um enquadramento, neste caso têm-se o da fotografia (mulheres com corpos a mostra) que somados ao texto “Esta é a foto menos ofensiva” leva a crer que a manifestação em si, não é legítima quando sai do espaço digital.

Na imagem 2, podemos notar as opiniões de outros usuários sobre o mesmo ocorrido. Mas se na Grécia, a *Ágora* se configurava com o espaço para os debates politizados, filosóficos, geralmente restritos a poucos autorizados pelo acesso ao conhecimento, aqui todos estão autorizados a postar comentários, curtir, compartilhar, mas que tipo de reflexão se está produzindo? A postagem inicial embora provocativa, gera comentários que são uníssonos ao discurso inicial, meras constatações, não um debate exatamente, são afirmações de “pura baixaria” o que não revela conhecimento nem sobre o feminismo, nem mesmo sobre o próprio protesto na universidade para que posições mais veementes, contrárias ou a favor sejam tomadas.

28/10/2015 16h19 - Atualizado em 29/10/2015 19h00

Protesto com estudantes nuas provoca polêmica na UFPel, no RS

Estudantes tiraram as roupas em ato realizado na segunda-feira (26). Universidade suspendeu aulas no instituto por causa da manifestação.

Do G1 RS



Imagem 3.

escadaria e em frente ao prédio do Instituto de Ciências Humanas, na Rua Alberto Rosa. Testemunhas disseram que algumas estudantes fumavam maconha e consumiam bebidas alcoólicas. O ato iniciou por volta do meio-dia e se estendeu ao longo do dia.



Estudante flagrou ato em frente a prédio (Foto: Arquivo Pessoal)

Uma estudante de pedagogia de 21 anos, que prefere não se identificar, disse que a manifestação começou pacífica, com gritos contra a violência à mulher, acompanhado de batucadas. Durante a tarde, algumas jovens tiraram os sutiãs e uma delas ficou completamente nua e passou a se masturbar. A estudante diz ainda que viu algumas delas urinando em baldes e jogando nas paredes do prédio do instituto.

A estudante de filosofia Jennifer Jardim chegou no prédio às 19h e no caminho até a universidade ela já tinha sido avisada do protesto por sua irmã, que também estuda na UFPel à tarde. Ela relata que, ao descer do ônibus, já percebeu uma concentração de pessoas em frente ao prédio. Em seguida, percebeu uma das participantes se masturbando na calçada.

Aulas foram suspensas pela universidade devido a protesto

Imagem 4.

As imagens 3 e 4 foram retiradas do portal de notícias G1, que também fala sobre os protestos em frente a UFPEL. E nota-se: pelo menos umas das imagens disponibilizadas no portal é enviada ou cedida pelo entrevistado, ou no caso uma testemunha ocular do ocorrido e que registrou alguns momentos. Ou seja, não foi necessário que o ‘emissor’, no caso o portal de notícias, enviasse uma equipe de reportagem para o local do protesto e apurar as informações, pois lá, no momento exato em que ocorreu a manifestação, já haviam testemunhas, pessoas que fotografaram, filmaram, enfim reproduzir e veicularam aquele conteúdo. O jornalismo tornou-se receptor da emissão primeira, no caso, as testemunhas que registraram o protesto, pois sem elas sequer teriam a pauta.

Através disso, o portal noticiou o fato, e é nesse caso que vemos o exemplo de intersecção de pelo menos duas das três fronteiras do jornalismo, o jornalismo cidadão (o fato das testemunhas oculares terem registrado os momentos) e o jornalismo online tradicional, que veiculou aquela informação depois de ter visto a repercussão em redes sociais.

As imagens 5 e 6 foram retiradas de um perfil público, no qual se enquadra o jornalismo ativista. A ‘entidade’ a qual pertence a página é a mesma que organizou e se disponibilizou a cobrir o protesto, com fotos e vídeos.

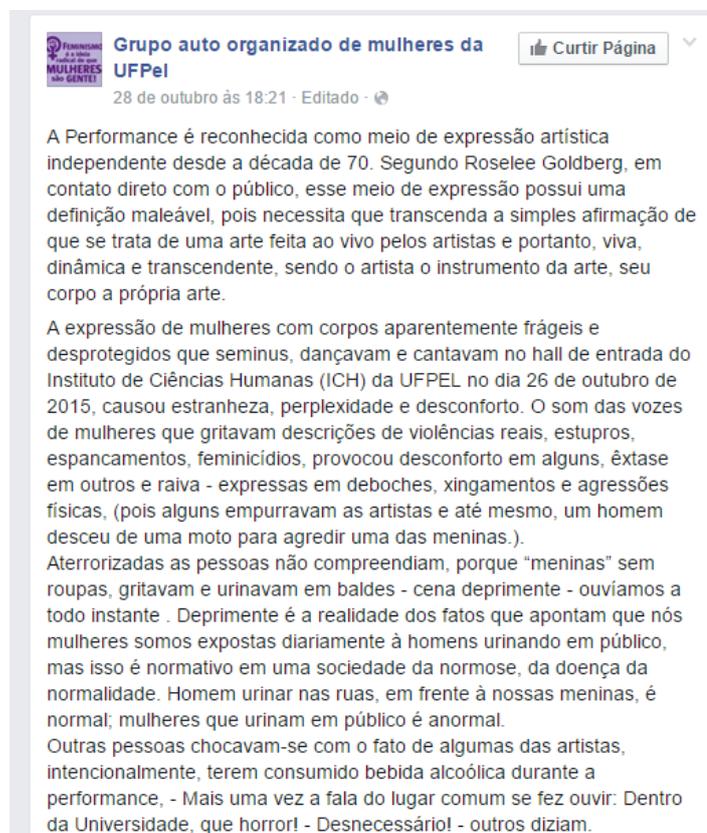


Imagem 5.



Imagem 6.

Na data em que foi realizada a pesquisa para a realização desta análise, os arquivos haviam sido retirados pela página autora das postagens, existia apenas uma ‘nota’ em relação ao manifesto (imagem 5). A única prova que temos de que houve realmente fotos e vídeos na página do grupo, eram as capturas de tela do portal de notícias G1. Aliás, o fato só foi veiculado pelo portal de notícias por conta da repercussão gerada no Facebook.

Algumas semanas depois da ‘nota’ publicada pelo grupo (imagem 5), ao pesquisar novamente para ver a repercussão gerada pela postagem, a publicação havia sido removida da página, eliminando todos os resquícios do protesto em frente da UFPel.

A imagem 6, mostra a repercussão gerada após a publicação da ‘nota’. Perceba que do mesmo jeito em que aparecem comentários apoiando a causa, também há aqueles que são contra, ou seja, a própria publicação acabou se tornando um ‘espaço’ de discussão sobre o assunto, mesmo que não apareçam todas as externalizações de usuários (imagem 6).

5 Considerações Finais

Intitulei este artigo como ‘as três fronteiras do jornalismo’ porque o webjornalismo é um misto das três fronteiras, a ágora, o jornalismo ativista e o jornalismo online tradicional. Seu ponto de intersecção acontece quando o jornalismo cidadão ou o mídia ninja⁵ acaba sendo fonte de matérias ou reportagens para o jornalismo online, ou seja, ao mesmo tempo em que alguns jornalistas são contra o mídia ninja, por exemplo, muitas vezes ele acaba sendo a fonte para os produtos veiculados nos grandes portais de notícias. Neste caso podemos ver nitidamente quando o ‘cidadão’ é inserido no processo emissor-receptor.

Em todas as postagens podemos estabelecer uma relação. A publicação do portal de notícias G1, foi feita através de publicações que retratam como foram os protestos em frente à UFPel, e a fonte da notícia foi a própria página organizadora e que também realiza as movimentações. Ambas as publicações resultaram em opiniões dos usuários, sejam os comentários na página organizadora ou publicações em perfis pessoais.

Ou seja, é possível dizer que o jornalismo online se vale do ativismo e da produção amadora de conteúdo para produzir a notícia, o que torna o jornalismo, nesta ambiência da midiatização, também uma espécie de recepção. Isso significa que o modelo comunicacional atual é aquele em que temos afetamentos múltiplos entre atores e produtores seja de acontecimentos ou de notícias.

A web como um todo permite o espaço para todos e todas as visões. No caso, a notícia veiculada pelo G1 e as publicações da página geraram replicações de usuários, como o exemplo da imagem 1. Esta por sua vez, gerou ‘respostas’ opinativas de outros usuários. O fato é que todos os casos geraram respostas e interatividade, e principalmente, com opiniões distintas, gerando apresentação de opiniões e um ambiente de debate online, a medida de que as opiniões colocadas são respondidas por outros usuários criando uma troca de opiniões entre usuários e isso faz parte do ideal da comunicação.

Podemos dizer então, que as três fronteiras, em determinados casos se misturam, pois uma é construída em cima da outra, quebrando o modelo comunicacional emissor-receptor e introduzindo o cidadão. Mas poderá este modelo novo e que ainda está em processo de evolução, tomar o lugar do jornalismo online ‘tradicional’?

⁵ O termo mídia ninja não faz referência ao coletivo Mídia Ninja, mas assim, ao coletivo e ativista que está presente em diversos espaços e afetando o jornalismo.

Referências

ANTOUN, Henrique. Jornalismo e ativismo na hipermídia: em que se pode reconhecer a nova mídia. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, RS, v. 1, n. 16, 2001. Disponível em <<http://revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/viewArticle/274>>. Acesso em 09 nov. 2015.

AQUINO BITTENCOURT, Maria Clara. A midiaticização do ativismo nas coberturas do G1 e do Mídia Ninja. **ESPM – Comunicação, Mídia e Consumo**, São Leopoldo, RS; v. 11, n. 30, 2014. Disponível em <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/644/pdf>>. Acesso em 25 out. 2015.

CASTELLAN, Gláucia Rodrigues. **A Ágora de Atenas: aspectos políticos, sociais e econômicos**. São Paulo, SP. Disponível em <<http://www.klepsidra.net/klepsidra26/agora.htm>>. Acesso em 09 nov. 2015.

HOLHFELDT, Antônio. **As origens antigas: a comunicação e as civilizações**. Petrópolis, RJ. 2001.

LEVY, Pierre. 1999. **Cibercultura**. São Paulo; Editora 34.

NETO, Antônio Fausto. Fragmentos de uma «analítica» da midiaticização. **Matrizes**, São Leopoldo; v. 1, n. 2, 2008. Disponível em <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/88/136>>. Acesso em 24 out. 2015.

NOGUEIRA, Felipe Augusto. **Análise das características do jornalismo online em portais de notícias**. Anais Intercom Sul, Porto Alegre, RS, 2013. Disponível em <<http://portalintercom.org.br/anais/sul2013/resumos/R35-0824-1.pdf>>. Acesso em 24 out. 2015.

PRUDENCIO, Kelly. Jornativismo: CMI e o jornalismo online. **Aurora, revista de arte, mídia e política**. São Paulo, SP, n. 2, 2008. Disponível em <<http://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/6358>>. Acesso em 09 nov. 2015.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre, RS. 2009.

